

# **i FIM**

## **DA CLASSE MÉDIA**

**A FRAGMENTAÇÃO DAS ELITES E  
O ESGOTAMENTO DE UM MODELO  
QUE JÁ NÃO CONSTRÓI SOCIEDADES**

**CHRISTOPHE GUILLY**

Tradução de  
**Alessandra Bonruquer**

1ª edição



**EDITORA RECORD**  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2020

reserva a propriedade literária desta tradução.

---

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5587-015-2

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se em [www.record.com.br](http://www.record.com.br) e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

[sac@record.com.br](mailto:sac@record.com.br)

Para L.

# SUMÁRIO

Introdução

## PRIMEIRA PARTE

Das ruínas da classe média, emergiu o mundo das periferias

1. O mundo das periferias emergiu
2. A era da saída da classe média
3. Quem quer ser um deplorável?

## SEGUNDA PARTE

*No society*

4. O isolamento de uma burguesia associal
5. O abandono do bem comum
6. O caos tranquilo ou a sociedade relativa

## TERCEIRA PARTE

*O soft power* das classes populares

7. Uma *heartland* popular ou a inversão das noções de força
8. Nem guerra, nem paz: a resistência à negação das

Conclusão: Vamos ajudá-los a se reintegrar à comunidade nacional!  
Sobre os mapas do encarte

# INTRODUÇÃO

*There is no society*: a sociedade não existe. Foi em outubro de 1987 que Margaret Thatcher<sup>1</sup> pronunciou essas palavras.<sup>2</sup> A primeira-ministra britânica não sabia a que ponto sua constatação descreveria, trinta anos mais tarde, o impasse em que estão mergulhados todos os países ocidentais. Desde 1979 engajada em uma política de privatização e redução de despesas públicas, a Dama de Ferro estigmatizou aqueles que “esperavam demais da sociedade, enfatizando seus direitos sociais em detrimento de seus deveres”. Sua mensagem foi entendida não somente pelo campo conservador, mas também pelas classes dominantes ocidentais. Essa visão profética anunciou uma grande secessão, aquela do mundo de cima, que, ao abandonar o bem comum, mergulharia os países ocidentais no caos da sociedade relativa.

Essa ruptura histórica entre o mundo de cima e o mundo de baixo se concretizou pelo abandono da categoria que representava os valores do *way of life* americano e europeu: a classe média ocidental. Ela nos fez entrar na era da a-sociedade. O projeto liberal de Thatcher foi muito além do que ela previu. No altar da globalização, o custo das reformas econômicas não foi apenas o do sacrifício da classe operária, mas também da própria sociedade.

Em 1994, o historiador Christopher Lasch já evocava a secessão das elites.<sup>3</sup> Esse processo se provou ainda mais radical, pois atinge hoje um conjunto muito mais vasto, o das classes dominantes e superiores, os *winners* e protegidos. Essa ruptura dos elos, incluindo os conflituosos, entre a parte de cima e a de baixo, que continha a semente do abandono

do bem comum, nos fez entrar na a-sociedade. De agora em diante, *no more society*. A crise da representação política, a atomização dos movimentos sociais, a cidadelização das burguesias, a marronagem das classes populares e a comunitarização são todos sinais do esgotamento de um modelo que já não constrói sociedades.

Confrontadas com a deserção da burguesia e com o colapso do Estado de bem-estar social, mas também com tensões e paranoias identitárias, as classes populares resistem tentando preservar o essencial, seu capital social e cultural. Sem poder econômico ou representação política, as categorias populares exercem pressão sobre o mundo de cima, que, na defensiva, entra em declínio geográfico e cultural. A onda populista que percorre o mundo ocidental é apenas a parte visível de um *soft power* das classes populares que forçará o mundo de cima a se unir ao movimento real da sociedade, sob pena de desaparecer.

## PRIMEIRA PARTE

Das ruínas da classe média,  
emergiu o mundo das periferias

Imersos nas categorias superiores, os políticos perpetuam o mito de uma classe média integrada e em fase de ascensão social. A imprecisão da noção de classe média permite um embaralhamento de classes que autoriza, oportunamente, a confusão entre perdedores e ganhadores do modelo econômico, o proletariado e os burgueses boêmios, que, em sua maioria, ainda pensam pertencer a essa categoria. De que falam os políticos quando evocam a “tributação excessiva das classes médias”? Da maioria ou de uma minoria? Segundo as definições, as classes médias representam entre 50% e 70% da população.<sup>4</sup> Essas categorias partilham o mesmo destino? A promoção desse grupo majoritário e integrado também permite destacar os que ficam à margem, pobres e ricos, sem questionar o essencial: a implosão de um modelo que já não inclui as classes populares, ou seja, as categorias que, no passado, constituíam a base da classe média ocidental e perpetuavam seus valores.

De modo geral, evocar alguns efeitos negativos da globalização não cria qualquer problema, desde que sejam evocados apenas os que ficam à margem. O desaparecimento da classe operária, vítima da desindustrialização, e o ostracismo das minorias, por exemplo, são temáticas consensuais. Também é possível evocar sem risco o grande número de pobres e, inversamente, indignar-se com o enriquecimento do 1% (até do 0,1%) mais rico entre nós. Embora apontem para certos desvios do modelo, essas representações não questionam o essencial: a permanência de uma classe média majoritária. Assim, validam indiretamente o modelo econômico existente. A classe média seria apenas uma classe em mutação, em vias de se adaptar às novas regras econômicas e sociais de uma sociedade globalizada. Políticos e



especialistas, aliás, preferem utilizar os termos “mutação” ou “transição”, e não termos mais definitivos, como “ruptura” ou “fratura”. Essa novilíngua<sup>5</sup> “transicional” ou “mutante” permite oportunamente varrer para debaixo do tapete a própria ideia de interesses de classe divergentes.

O mundo e as sociedades ocidentais estão mudando, evoluindo, poderíamos até mesmo dizer progredindo, uma vez que, segundo a fórmula, “é impossível interromper o progresso”. “Essa metafísica do progresso e do movimento”<sup>6</sup> é a metafísica da classe dominante, a nova burguesia. Há meio século, ela permite justificar todas as reformas econômicas e sociais em nome do bem comum. Se certas categorias minoritárias parecem temporariamente excluídas desse movimento positivo, são somente exceções que validam um modelo econômico e social globalmente “inclusivo”. Ufa! Se a classe operária ficou para trás, a classe média, no sentido de uma classe social majoritária e integrada econômica e culturalmente, adaptou-se e está desfrutando dos benefícios da marcha em direção ao progresso. Assim, e embora os pesquisadores falem há décadas da implosão ou dissipação da classe média, estranhamente parece que a maioria da população ocidental continua a ter um lugar seguro em uma sociedade em mutação.

Salvo exceção, essa é a análise das classes política, midiática e acadêmica. Ela produz uma representação social reconfortante e politicamente correta: a de uma maioria de incluídos e de uma minoria de excluídos que, graças às políticas benevolentes de inclusão (que benevolência!), desfrutará amanhã de um modelo necessariamente integrador.

Como a geografia serve à guerra,<sup>7</sup> a supermediatização dos guetos das grandes cidades e a crise dos subúrbios serviram de pano de fundo para essa construção social, ao colocar em primeiro plano os territórios disfuncionais que estavam à margem e tornar invisíveis todos os outros. Esse conto para crianças, reconfortante para as sociedades ocidentais cada vez mais infantilizadas, acalentou durante muito tempo a opinião pública. Mais ainda, ofereceu às categorias populares objetivamente